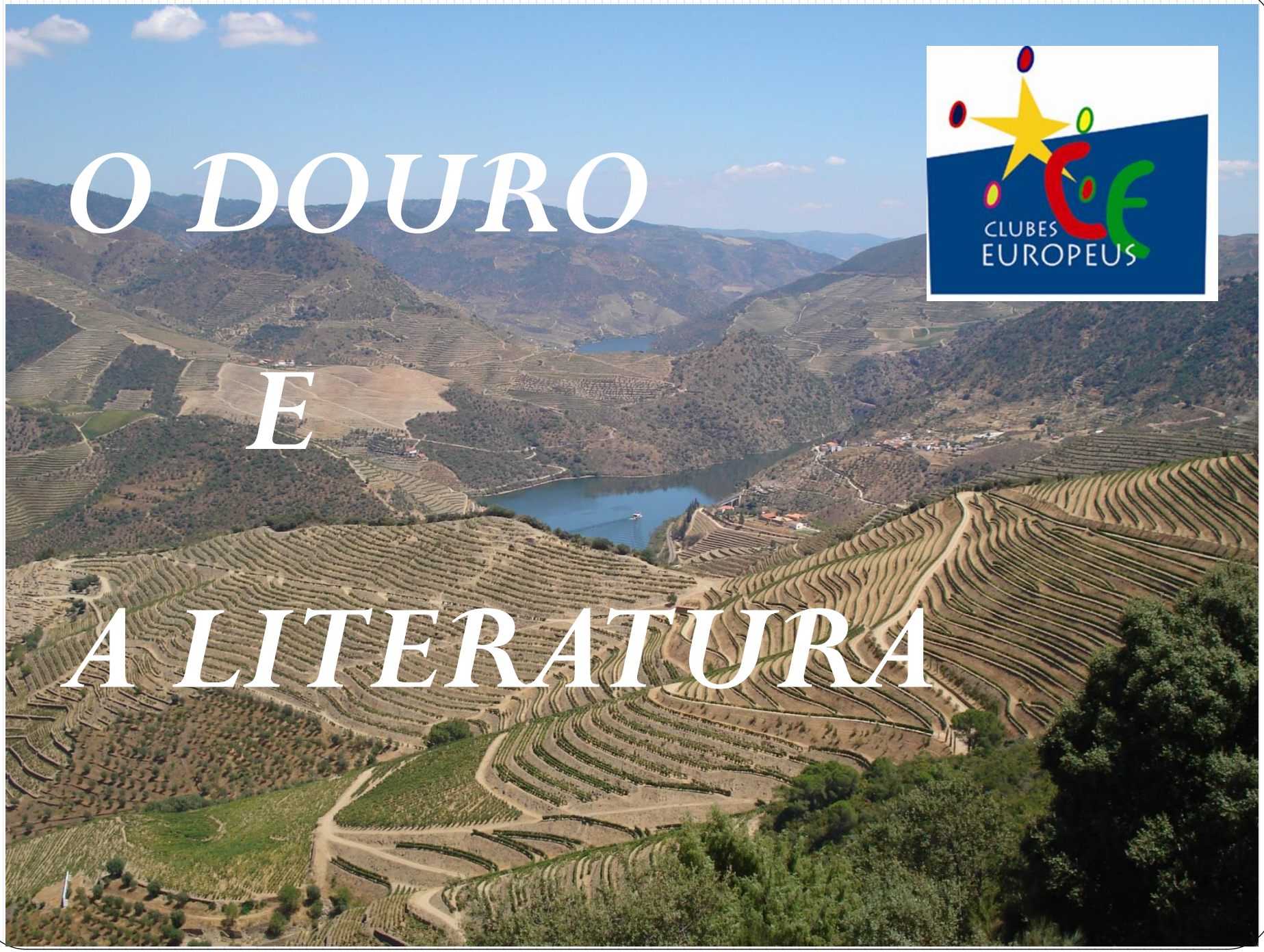
O DOURO

E

A LITERATURA



CLUBES EUROPEUS

São Leonardo da Galafura

À proa dum navio de penedos,
A navegar num doce mar de mosto,
Capitão no seu posto
De comando,
S. Leonardo vai sulcando
As ondas
Da eternidade,
Sem pressa de chegar ao seu
destino.
Ancorado e feliz no cais humano,
É num antecipado desengano
Que ruma em direcção ao cais
divino.

Lá não terá socalcos
Nem vinhedos
Na menina dos olhos deslumbrados;
Doiros desaguados
Serão charcos de luz
Envelhecida;
Rasos, todos os montes
Deixarão prolongar os horizontes
Até onde se extinga a cor da vida.

Por isso, é devagar que se aproxima
Da bem-aventurança.
É lentamente que o rabelo avança
Debaixo dos seus pés de marinheiro.
E cada hora a mais que gasta no caminho
É um sorvo a mais de cheiro
A terra e a rosmaninho!

Miguel Torga

Não sabe [a Régua] que ficará deserta se não conseguir prender-se a si própria e atrair quem a visite ou se radique dentro do seu aro, que é um anel de montanhas.

João Araújo Correia

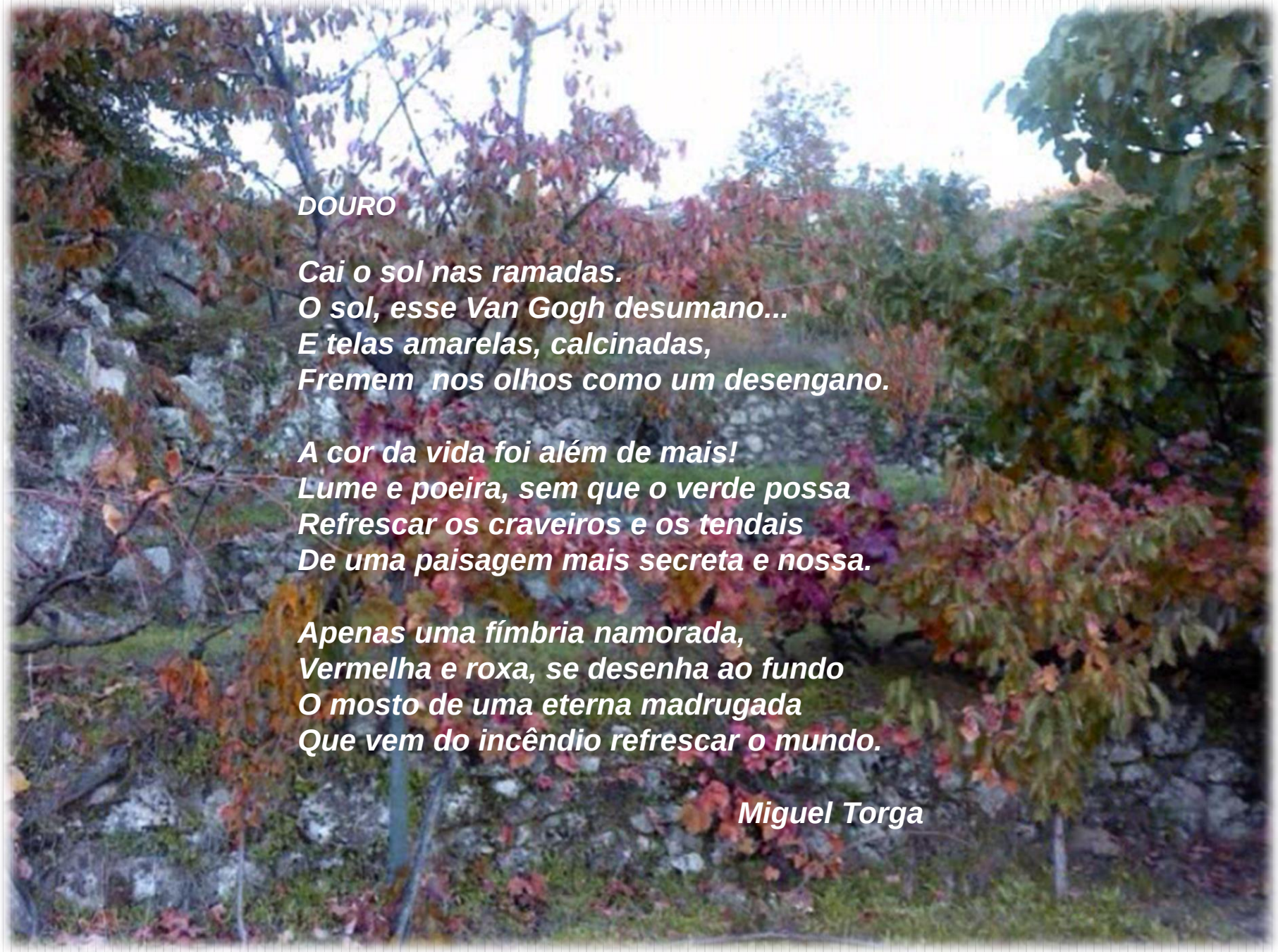
Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão.

Miguel Torga

Os bagos do tamanho de grãos de chumbo vão crescendo pelo Maio fora, tornam se maiores e arruçam pelo Julho adiante, e depois, ao calor de Agosto e Setembro amadurecem.

Pina de Morais

Rui Pires



DOURO

Cai o sol nas ramadas.
O sol, esse Van Gogh desumano...
E telas amarelas, calcinadas,
Fremem nos olhos como um desengano.

A cor da vida foi além de mais!
Lume e poeira, sem que o verde possa
Refrescar os craveiros e os tendais
De uma paisagem mais secreta e nossa.

Apenas uma fímbria namorada,
Vermelha e roxa, se desenha ao fundo
O mosto de uma eterna madrugada
Que vem do incêndio refrescar o mundo.

Miguel Torga

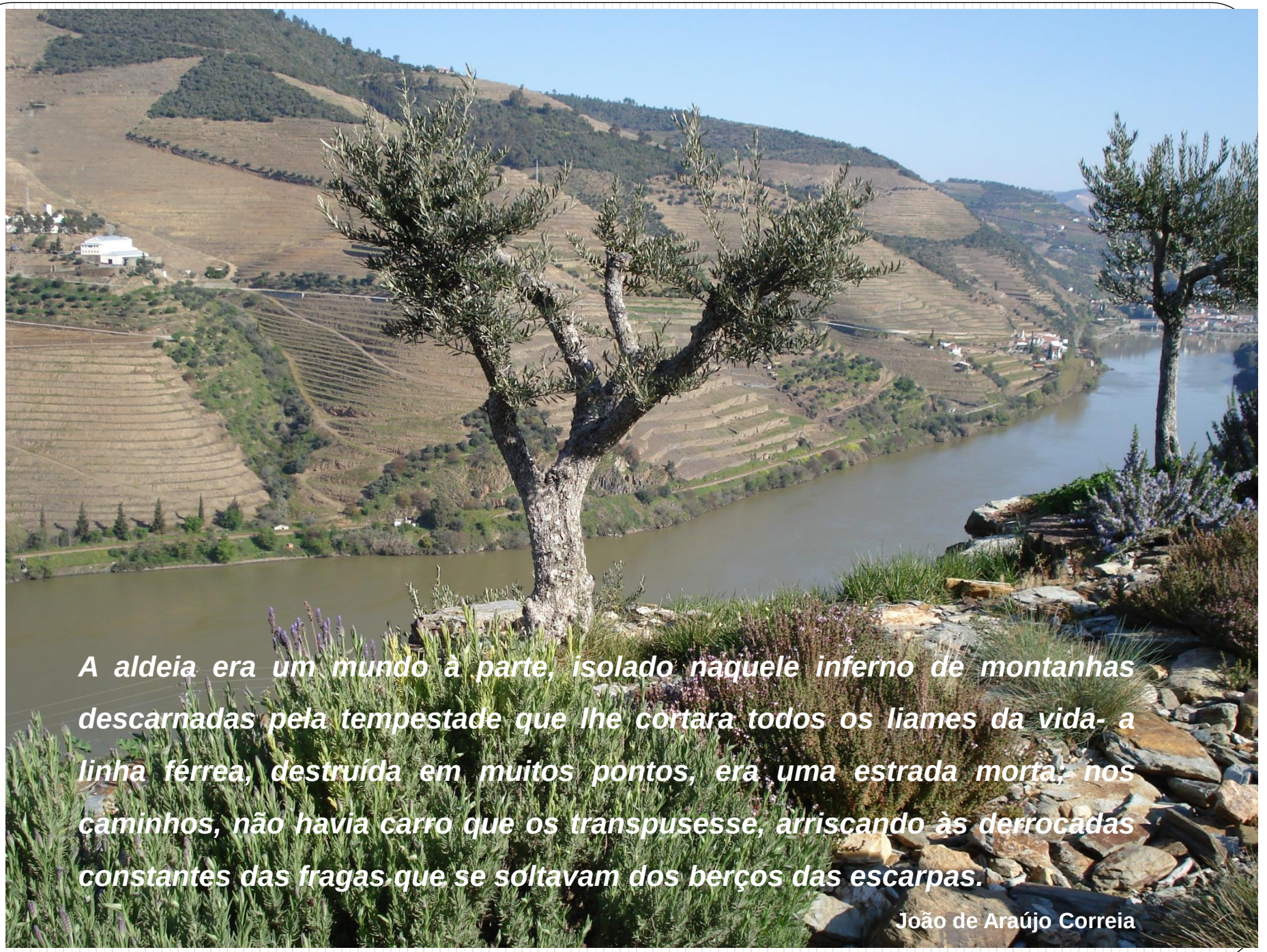
Também reina na paisagem, naqueles formidáveis socalcos que, montanha acima, acabaram por lhe dar forma e feitio. É o mais belo e mais doloroso monumento ao trabalho do povo português.

António Barreto

No fundo, o Douro serpeava como um fio e também para ele olhou com ternura como para o seu mais útil obreiro, porque todos os anos adubava com os limos das suas cheias a sua melhor quinta.
Domingos Monteiro
© RuiJorgePires |Olhar d'Ouro

E que ninguém duvide de que o rio fez o vinho. Cavou o vale, organizou a bacia hidrográfica e é responsável por uma parte do clima. Mas, sobretudo, constituiu a via fluvial necessária a pôr em contacto a região com o mar e Mundo.

António Barreto



A aldeia era um mundo à parte, isolado naquele inferno de montanhas descarnadas pela tempestade que lhe cortara todos os liames da vida- a linha férrea, destruída em muitos pontos, era uma estrada morta; nos caminhos, não havia carro que os transpusesse, arriscando às derrocadas constantes das fragas que se soltavam dos berços das escarpas.

João de Araújo Correia

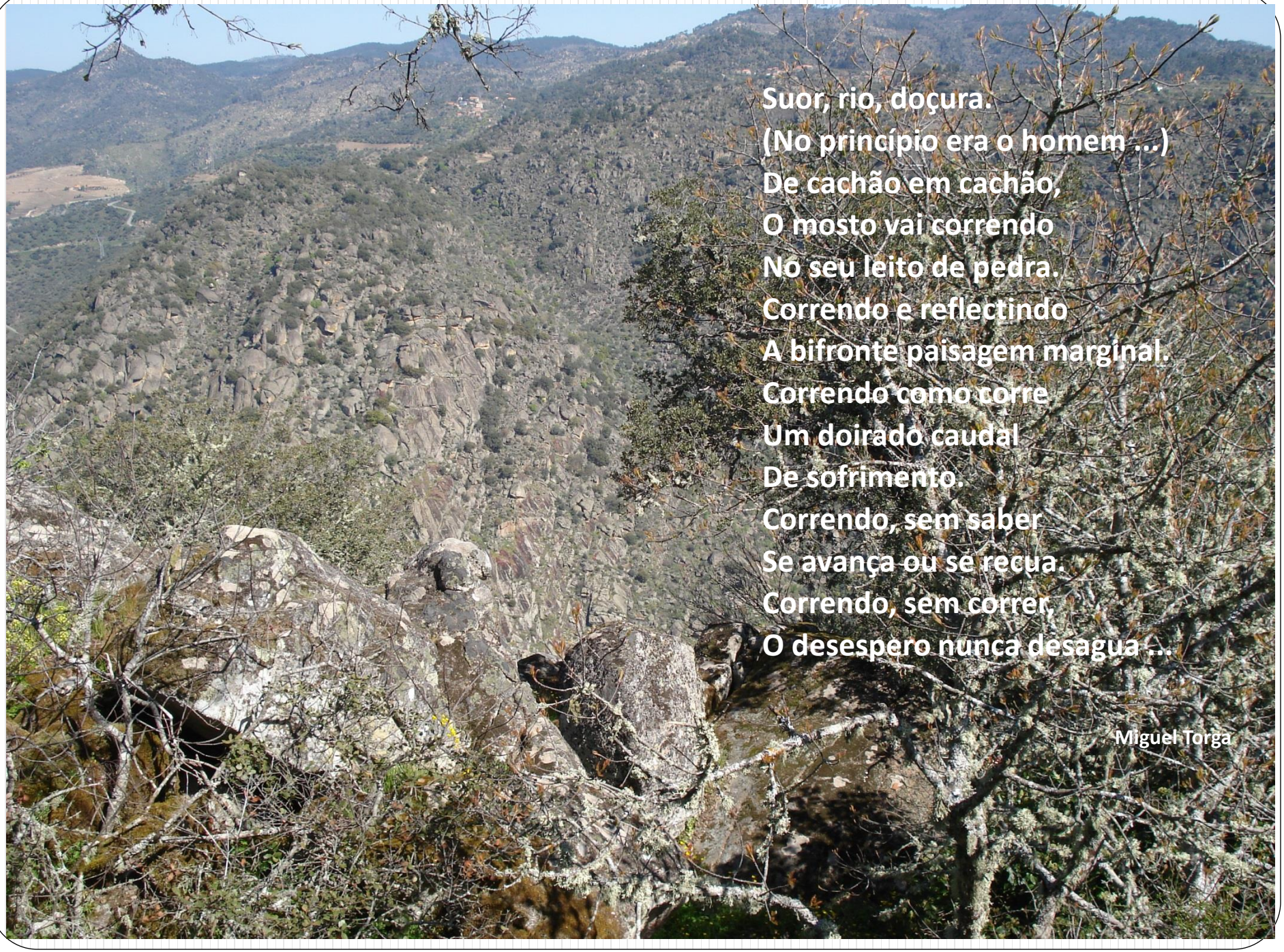
Com pouco tempo disponível, o camponês vai direito ao essencial. E ergue a sua personalidade como ergue as videiras: o suficiente para que a vida dê frutos.
Miguel Torga

A tarde declinava. D.Carlota olhou para a vinha que estava a ser vindimada. As mulheres cantavam e uma longa fila de homens carregava os cestos vindimos para o lagar, que era ao fundo da propriedade.

Domingos Monteiro

Particulares condições naturais, o sol e a pedra, a terra e a água ajudam a criar um produto singular, um vinho diferente.

António Barreto



Suor, rio, doçura.
(No princípio era o homem ...)
De cachão em cachão,
O mosto vai correndo
No seu leito de pedra.
Correndo e reflectindo
A bifronte paisagem marginal.
Correndo como corre
Um doirado caudal
De sofrimento.
Correndo, sem saber
Se avança ou se recua.
Correndo, sem correr,
O desespero nunca desagua ...

Miguel Torga

… uma ideia de comunhão ilimitada e eterna com a Natureza bela que nos cerca, com o Sol que prateia as vinhas e os pinhais, os jardins e as vertentes.

Ferreira de Castro

Manhã imensa.
Cá está o meu Douro,
Ardente e calmo.
Pelas cumeadas das serras
O Sol deixa um debrum de
fogo
Que de encontro ao azul
Unido e firme do céu
Parece o bordo
Duma cratera.

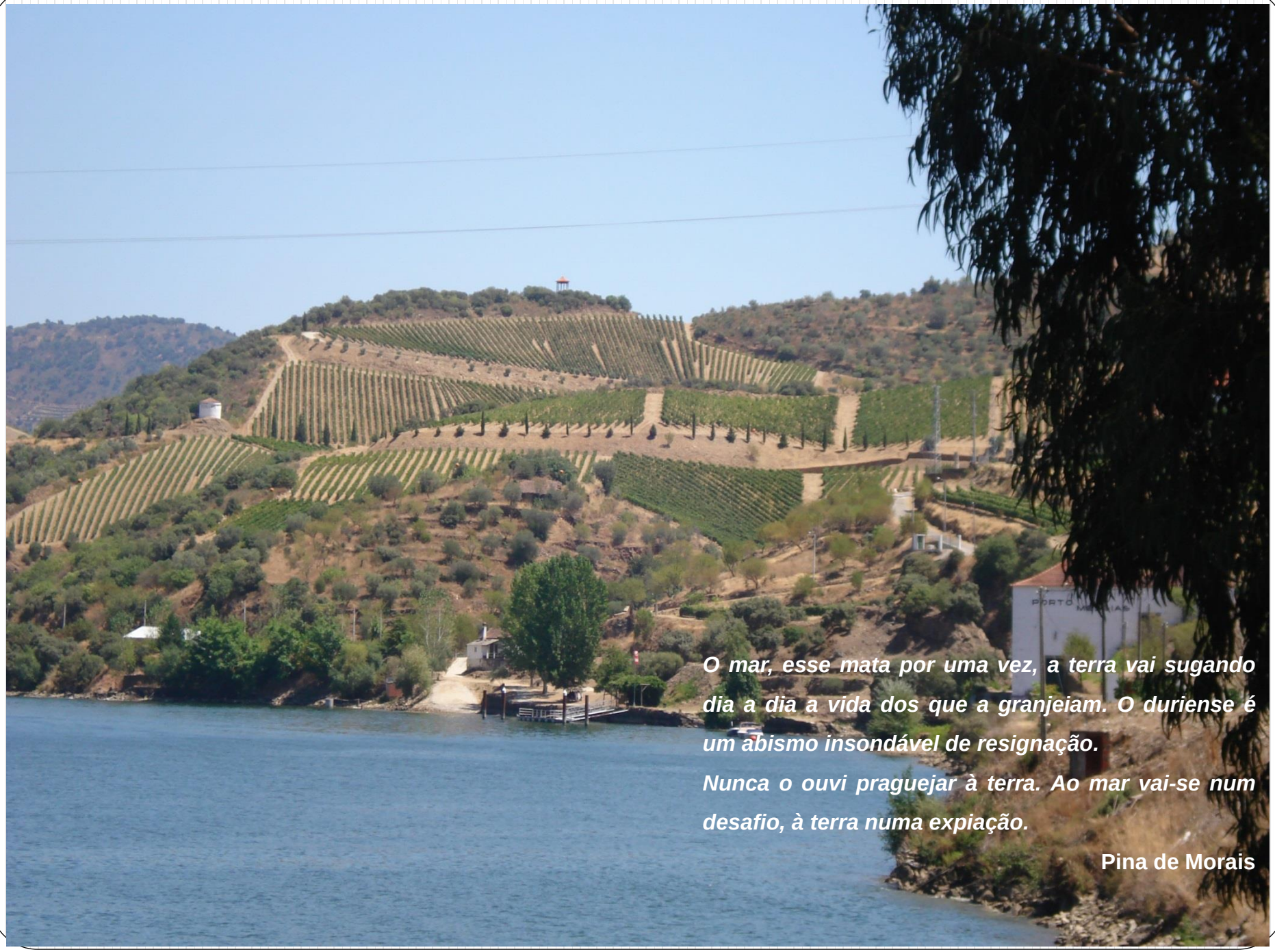
Pina de Morais

Num país de montes quase inacessíveis o homem é repelido. Mesmo que se queira fixar, só os olhos têm panoramas que os embriaguem; e ele não vive dos olhos. A vida não se compadece de meditações, nem dá lugar aos que hesitam.

Alves Redol

… a distribuição das culturas era em função da topografia, da exposição, da vizinhança da água e habitação. Junto das casas, os quintais, cortinhas e hortas, à beira da água os linhares, as vinhas nas colinas e encostas viradas ao sol…
Vergílio Taborda

No sul do Douro existem condições edafoclimáticas mais favoráveis à fruticultura o que proporciona a esta sub-região um cariz paisagístico mais diversificado e portanto mais belo.
Fundação Museu do Douro -Viver e Saber Fazer



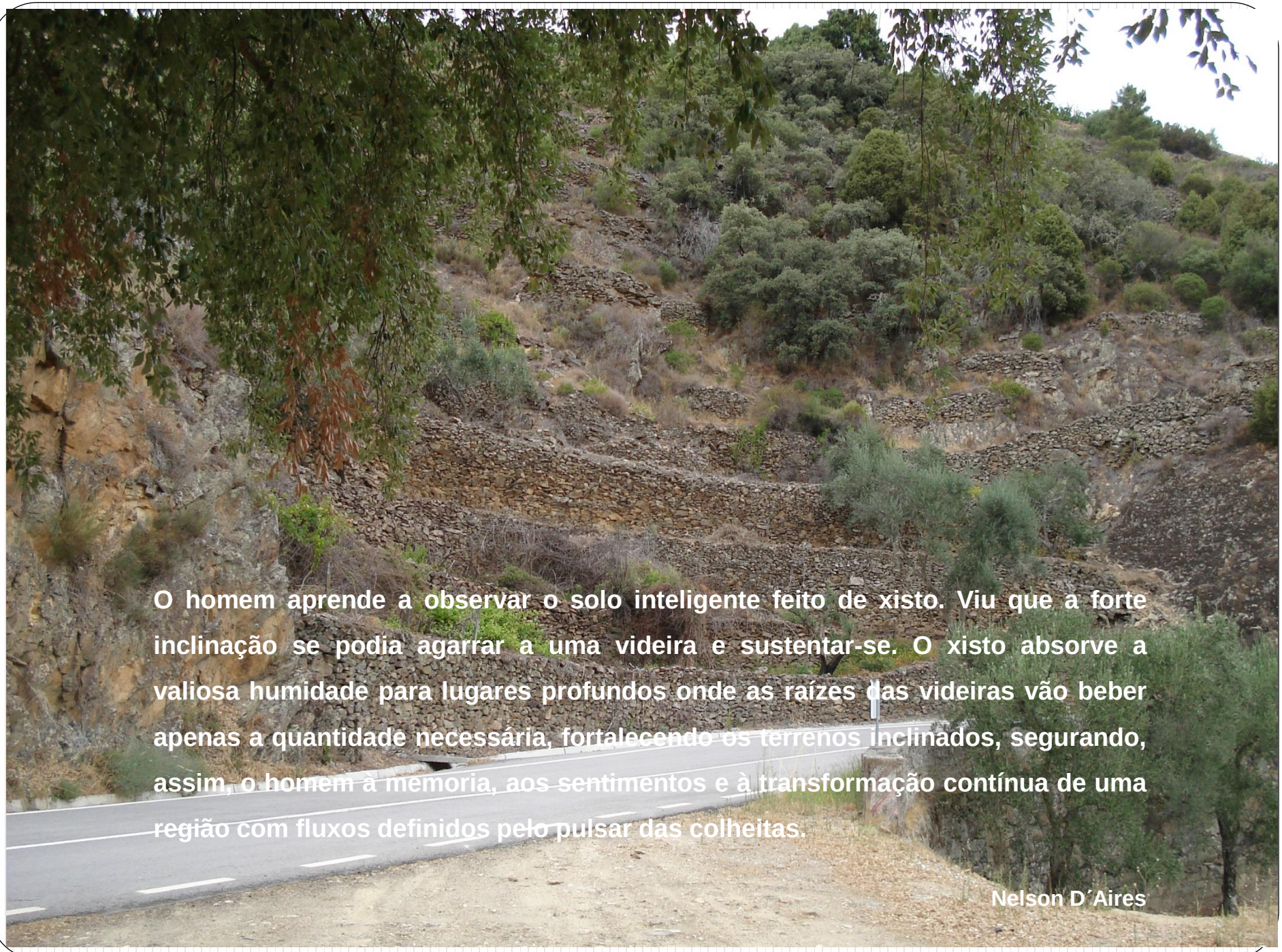
O mar, esse mata por uma vez, a terra vai sugando dia a dia a vida dos que a granjeiam. O duriense é um abismo insondável de resignação.

Nunca o ouvi praguejar à terra. Ao mar vai-se num desafio, à terra numa expiação.

Pina de Morais

O *lugar escrito* adjectiva as paisagens pela morfologia e pela história, coincidindo com as fotografias o assunto e a geografia, um ensaio, com uma dupla narrativa ou a ficção de um lugar *imaginado*.

Paulo Catrica



O homem aprende a observar o solo inteligente feito de xisto. Viu que a forte inclinação se podia agarrar a uma videira e sustentar-se. O xisto absorve a valiosa humidade para lugares profundos onde as raízes das videiras vão beber apenas a quantidade necessária, fortalecendo os terrenos inclinados, segurando, assim, o homem à memória, aos sentimentos e à transformação contínua de uma região com fluxos definidos pelo pulsar das colheitas.

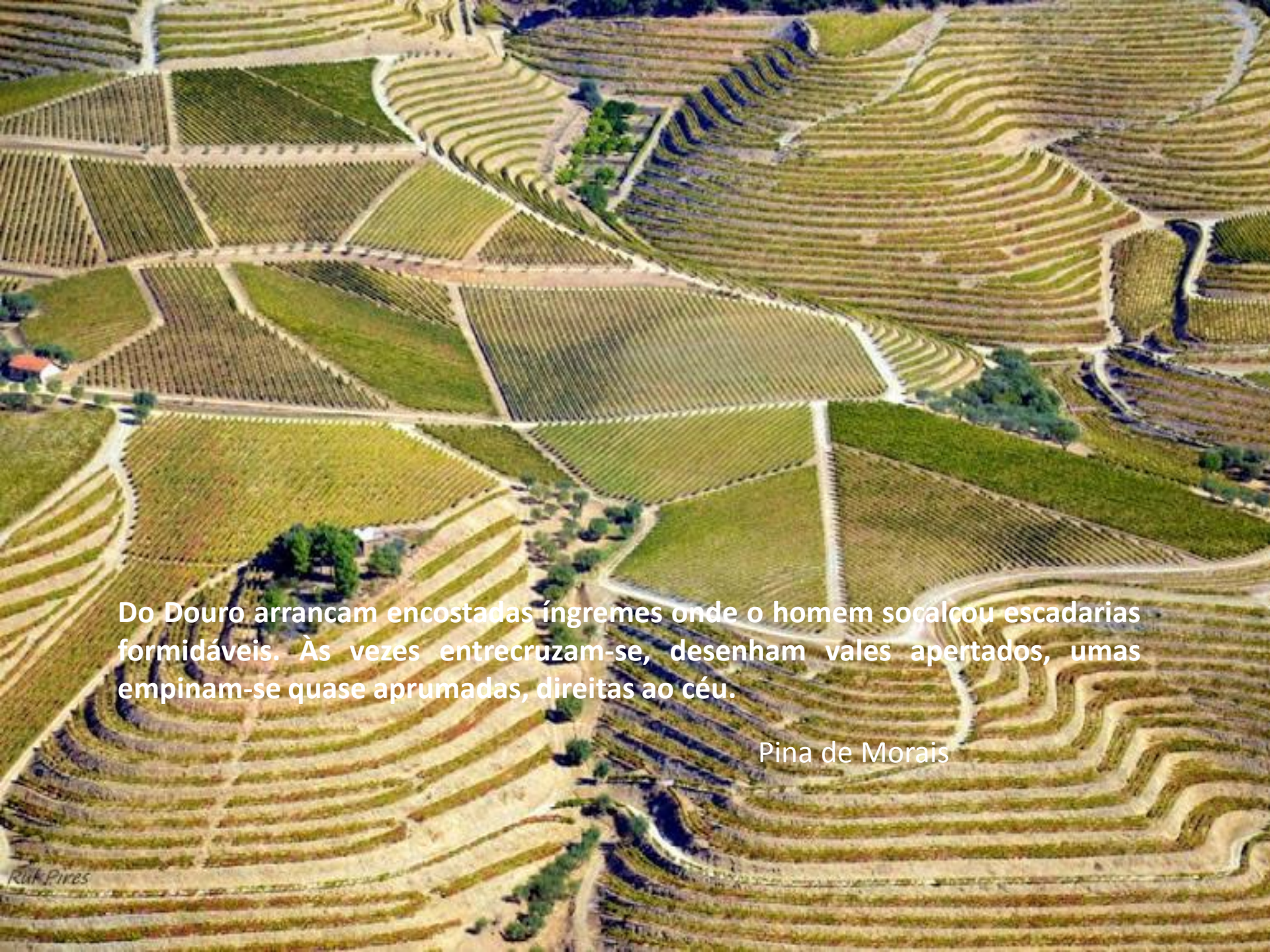
Nelson D´Aires

Por estas aldeias e quintas, reboa na escuridão a voz clamorosa, marcando como um batuque o ritmo da pisa, até que soa a liberdade e ao clamor se mistura a música do harmónio, do bombo e dos ferrinhos …

Pires Cabral

E não são umas videiras quaisquer. Não são videiras de uvas de lagar. São de uva de banca e de qualidade escolhidas: Moscatel de Jesus, Moscatel de Hamburgo e Alicante… Videiras destas levam cinco anos ou mais a criar-se… E ainda o ano passado vendi as uvas deste bardo e do bardo de cima.

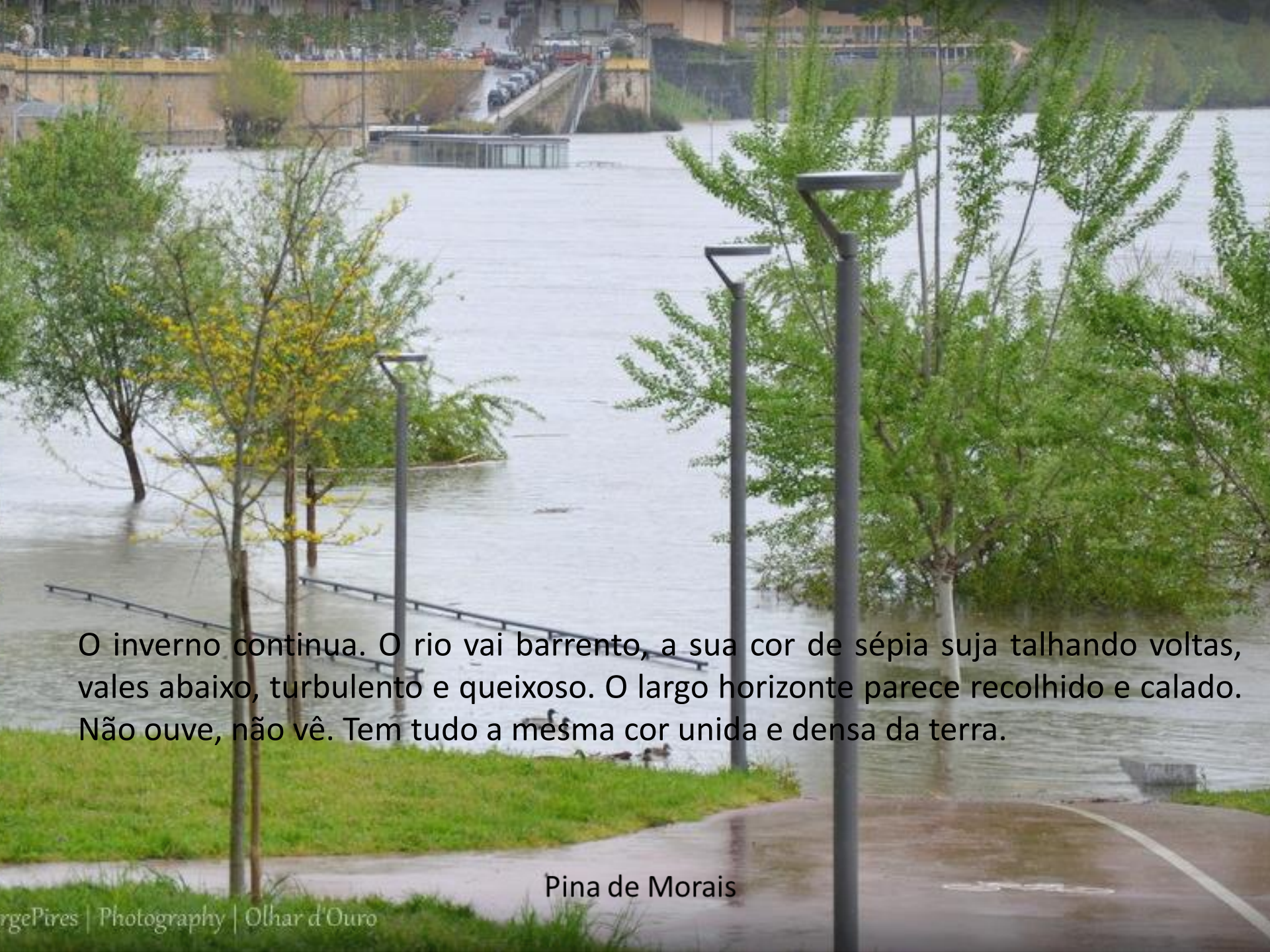
Domingos Monteiro



Do Douro arrancam encostadas íngremes onde o homem socalcou escadarias formidáveis. Às vezes entrecruzam-se, desenham vales apertados, umas empinam-se quase aprumadas, direitas ao céu.

Pina de Morais

As videiras, fatigadas da produção e do sol, têm o ar mais torturado e indiferente. As cepas, escuras como a terra e como o céu, deixam cair os sarmentos como braços cansados de uma escalada e pelas encostas arriba parecem mais convulsas.
Pina de Morais
© RuiJorgePires | Olhar d'Ouro

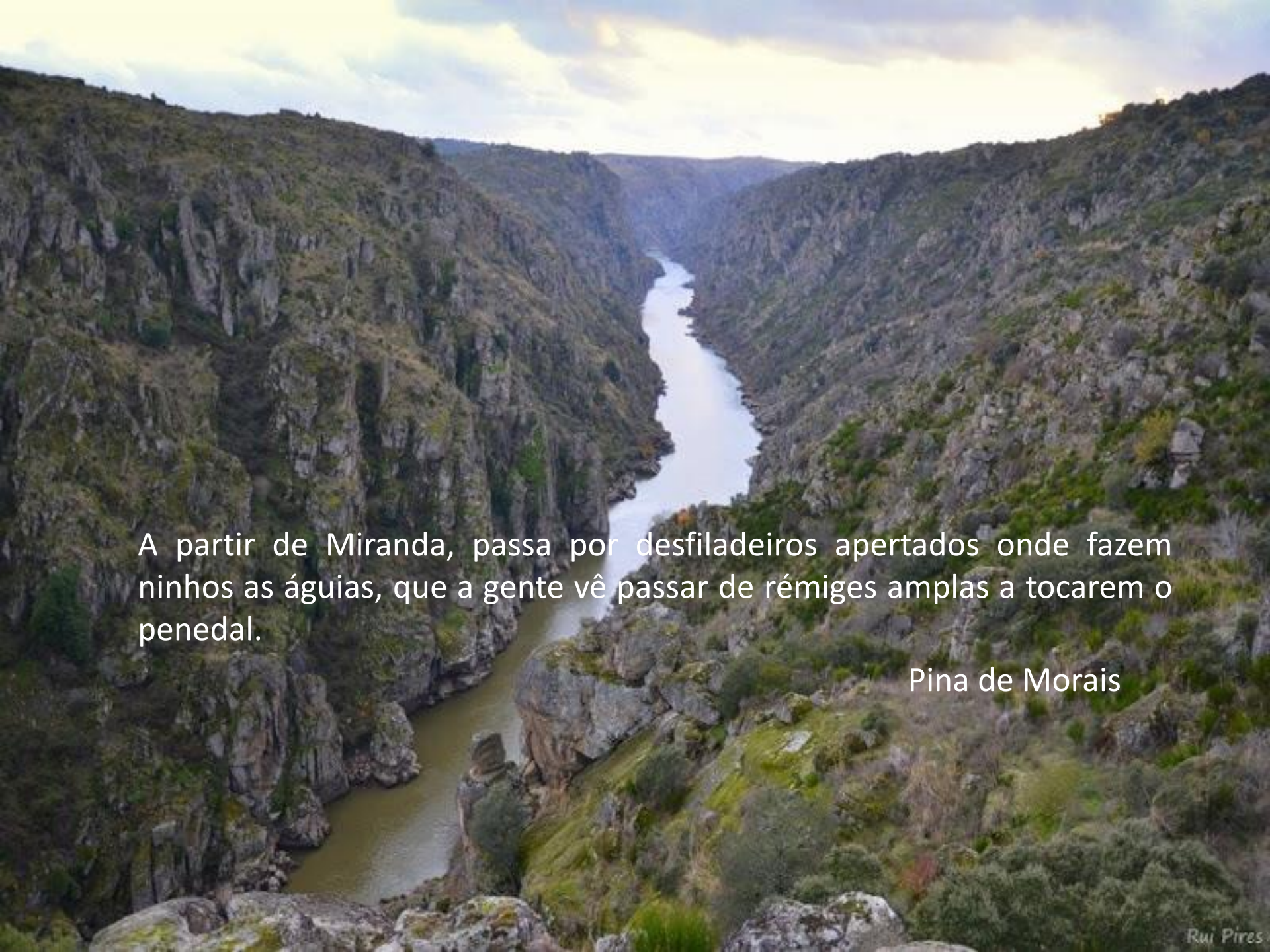


O inverno continua. O rio vai barrento, a sua cor de sépia suja talhando voltas, vales abaixo, turbulento e queixoso. O largo horizonte parece recolhido e calado. Não ouve, não vê. Tem tudo a mesma cor unida e densa da terra.

Pina de Morais

No vale da Régua, quando lhe bate o sol, o rio é como se fosse de oiro e as videiras todas de cristal .Olhando de Cambres, a paisagem é azul e verde, forte e doce, violenta e carinhosa. Azul das serras dos longes, da água e do céu, e verde das videiras.

Pina de Morais



A partir de Miranda, passa por desfiladeiros apertados onde fazem ninhos as águias, que a gente vê passar de rémiges amplas a tocarem o penedal.

Pina de Morais